



O solitario de Val de Lobos

## ALEXANDRE HERCULANO

Na litteratura amena é este o seu cognome: o *solitario de Val de Lobos*. Os registos officiaes denominam-n'o simplesmente, Alexandre Herculano de Carvalho e affirmam que nascera em 1810. O sr. Innocencio assignala-o como primeiro historiadador e o sr. Martins do Chiado como primeiro fabricante d'azeite. Sob este duplo titulo elle merece o primeiro logar na nossa galeria: além d'uma consagração é uma prova de sincera homenagem que prestamos ao apostolo ardente da luz que vem do livro e da que vem do candieiro.

\*

Conta-se que aos 5 annos de idade a sua paixão pelos estudos historicos era tão viva, que quando a familia o queria levar á feira do Campo Grande ou á de Belem, elle começava a chorar pedindo que o levassem antes á bibliotheca de Evora, ou á torre do Tombo. A familia não o attendia, ou antes não o entendia, e o joven Herculano lá ia passear indifferente ao longo das barracas cheias de tambores, de cavallinhos, de espadas de lata e dos brinquedos mais tentadores. As outras creanças corriam, fallavam, agarravam-se ás sobrecasacas dos paes, apontavam para as seducções e formavam um d'esses borborinhos de supplicas, de pedidos a que os corações paternaes não podem resistir. No meio de tudo isto a seriedade do joven Herculano contrastava violentamente com o enthusiasmo dos da sua idade. Pela mão d'uma pessoa de familia, o futuro historiadador olhava indifferente para tudo aquillo, e no mais recondito da sua alma embalava a imagem fagueira d'uma chronica do seculo XII escripta em pergaminho.

\*

Chegado aos dezoito annos as suas maneiras eram tão graves, tão austeras, que todas as pessoas diziam estar talhado para um padre exemplar. Realmente havia certos motivos para essa previsão, porque sendo um dos preceitos do clero o celibato ecclesiastico, Herculano parecia talhado para o exercer satisfatoriamente; na idade em que todos os rapazes se apaixonam por uma prima elle estava cegamente apaixonado—pela vida de D. João de Castro.

\*

O sr. Alexandre Herculano é exactamente o seu estylo: o estylo do *solitario de Val de Lobos* é grave, justo, pausado; um grande lenço de seda

preta com sete voltas em roda do pescoço, magestosa e ampla sobrecasaca, pesada bengala de cana da India, com castão de buffalo, e, desfargadamente, barba á particular. De resto pelo seu ar vagaroso e meditativo a gente reconhece logo que elle está mal n'esta epocha de precisão e de positivismo e que, por exemplo, quando tenha de partir para Santarem no comboio das oito elle chegue sempre á estação de Santa Apollonia ás oito e tres quartos.

\*

Como todos os temperamentos fortes e violentamente acentuados o sr. Herculano possui grandes dedicações e grandes odios. As suas dedicações teem resistido as mais duras provas: á *Paqueta* e ao *Almanak das Senhoras*: os seus odios são inabalaveis contra o que elle considera implacaveis inimigos do homem: a ferrugem das oliveiras, o pulgão das vinhas e a *hydra da reacção*.

\*

O *solitario de Valle de Lobos* como historiadador, como romancista, como dramaturgo, como poeta, como polemista está sufficientemente discutido. As suas obras, como as das poderosas individualidades, teem merecido as accusações mais acerbas e os louvores mais entusiasticos. Se elle roja ás faces do catholicismo a negação blasphema do milagre de Ourique, elle atira á geologia, na *voz do Propheta*, a affirmação extraordinaria de Lisboa, cidade de marmore e *de granito*! A reacção esbraveja, contorse-se, espuma, cobre-o de epithetos e brada por toda a parte que o historiadador faltou á verdade. A sciencia recebe serenamente aquella novidade e fica tranquilla, muda, impertubavel! Todavia qual tinha mais rasão para se encolerisar? a sciencia ou o clero? Não ousaremos decidil-o.

\*

A segunda phase do sr. Alexandre Herculano, historiadador audaz, romancista apaixonado, poeta entusiasta e propheta cavernoso—phase fatal em todos os grandes genios, revela-se no sr. Herculano, azeiteiro correcto, academico, pautado, recolhido no profundo silencio dos olivedos, em face da posteridade que o contempla e dos ratos que lhe devoram a *Historia*. O sr. Herculano, fez do azeite uma religião; elle é a sua *flôr d'alma*, a sua ultima crença, o seu ultimo refugio contra a maldade do homem e as iniquidades do mundo. Quando ha pouco Vienna d'Austria o classificou entre os

ultimos, o triste solitario sentiu vontade de escrever contra a cidade depravada uma segunda *Voz do propheta!* Caso estranho! A maior admiradora do azeite do sr. Herculano é exactamente a maior inimiga dos seus escriptos, porque em quanto Vienna condemna o azeite de Val de Lobos — nos seus relatorios, a reacção consome-o — nas suas lampadas!

\*

Devemos concluir com uma revelação. O solitario de Valle de Lobos chama-se Alexandre Herculano de Carvalho... e Araujo! Suprimindo este ultimo apellido, o grande historiador foi uma vez verdadeiramente dotado do dom da previsão. Sem isso, elle que pelo seu admiravel talento conseguiu dar alguns monumentos ás letras patrias, pela fatalidade do nome ficaria inevitavelmente ligado á tribu dos Araujos!



#### A LANTERNA MAGICA NOS TRIBUNAES

Alguns jornaes disseram esta semana que o governo ia chamar a *Lanterna Magica* aos tribunaes.

Não quizemos crer; contudo começamos logo a fazer duas coisas: considerações e toilette para a Boa-Hora. Examinámos a nossa consciencia, passámos em revista o nosso fato preto e ficámos tranquilos, esperando resignadamente que a espada vingadora da justiça cahisse sobre as nossas cabeças.

\*

Mas, senhores, de que proviria á ultima hora este odio dos poderes publicos contra nós? seria por os termos collocado nos altares? por lhes termos pregado nas costas azas de cherubim? por termos, por nossa conta, ousado mettel-os no *Flos Sanctorum*? Nós até hoje temos simplesmente dado aos amados poderes publicos os nossos adjectivos mais cerimoniaes e mais polidos: temos-lhes offerecido, da melhor vontade, a nossa prosa, os nossos versos a nossa pintura, tencionamos ainda dedicar-lhes a nossa musica, e elles os ingratos, offendem-se?! Pois bem. Ó opposição, empresta cá uma pouca de rhetorica rija que queremos dar uma toza no governo!

\*

Se todavia os poderes publicos, sob o simples pretexto de os termos pintado nós, intentam dar á cidade o spectaculo d'um supplicio para desviar a attenção das manifestações do partido historico,

então não hesite um só momento: que já amanhã a nossa cabeça role no patibulo: mas, pelo amor de Deus, aviem-se quanto antes, pois que a prosa hebdomadaria e mazorra do sr. dr. Cunha Belem já assoma no horisonte, terrivel como nunca, nas *Noticias do Dia!*

\*

Mas, quereis saber a verdade? A *Lanterna Magica*, está nos tribunaes, porque nós a mandámos para lá — pelo correio.



O Narciso Possidonio  
É um *supremo architecto*  
É um demonio!

Do nosso mal para cumulo  
No triste museu sem tecto  
— Suprema veneração —  
Arrunou agora um tumulto  
De que fez a descripção!

Possidonio, Possidonio  
Meu Narciso, meu demonio  
Uma cousa afirmo eu:  
A tua prosa, Narciso,  
Tambem era bem preciso  
Que ficasse no museu!



Fallando d'um proximo beneficio do tenor Silva, dizia um jornal, que este artista se recommendava ao publico pelas suas boas qualidades domesticas e sociaes.

Sendo assim, o tenor Silva passa a apresentar á opinião publica dois aspectos muito interessantes: como cantor, revelando as melhores qualidades domesticas e sociaes; e como cidadão manifestando um bom timbre de voz.

Chegadas as eleições esperamos que o tenor Silva saia para a rua logo ao amanhecer, que se dirija a igreja da freguezia e cante com toda a independencia um trecho da *Gata borralheira*, enthusiasmando o publico, — e que no dia do seu beneficio se apresente no palco da Trindade tomando chá com a familia e votando com todo o mimo e toda a correcção no sr. Pereira de Miranda.



VOCÊ É.....

NAÃA SENHOR.....

SEMPRE O MESMO.....

Bodoallo Pinheiro

S. Pedro Paio

(A negação)



Dois factos notaveis da semana ultima. O primeiro teve logar em Braga com a representação dos *Lazaristas*, o segundo na Rainha do oceano, por occasião do anniversario de Pio IX.

Sabendo alguns honestos catholicos do Minho que Braga ia ser violada com um drama profundamente democratico, reuniram-se fazendo um abaixo assignado, no qual pediam á auctoridade a cousa mais simples do mundo: a prohibição dos *Lazaristas*. O sr. secretario geral que já tinha vizado os cartazes, contemplando o protesto de 800 assignaturas contra o seu acto, fica perplexo. Passam no seu espirito as mais negras apprehensões; lança-se ao telegrapho e dirige interrogações ao sr. governador civil. O sr. governador civil imita o secretario e repete as mesmas perguntas ao sr. ministro do reino. O sr. ministro ia insensivelmente a passar a pergunta, como fazem as sentinellas—*passa palavra*, mas receiando não encontrar á mão o conselho d'estado, toma a deliberação de mandar representar o drama, a todo o transe.

Espalhada a nova em Braga os srs. reacionarios resolvem solemnemente protestar, e, em quanto no theatro de S. Geraldo echoam os brados entusiasticos dos espectadores liberaes, os catholicos representados por uma philarmonica, formulam em colcheias e semifusas o mais energico protesto contra perversas doutrinas da peça. Os trombones rugem pavorosos, as cornetas de chaves esbravejam, os cornetins rangem os dentes, o flautim silva como uma serpente, o zabumba parece pecesso! A reacção, na impossibilidade de aniquillar á força o dramaturgo, descarrega d'esta fórma, sobre elle, terribes golpes de trombone! Peior para a arte, mas melhor para o pescoço do sr. Ennes.

\*

Na egreja dos Martyres, na festevidade em honra do pontifice, o sr. padre Pancada sobe ao pulpito, põe á vontade a eloquencia varatojana, desabotaa a rhetorica, cospe nas mãos e principia a dar bordoadas de cego, a torto e a direito, na idéa liberal. A idéa liberal que estava desprevenido e tinha ido á festa de boa fé, começa a gritar, apita, faz grandes exclamações e vem queixar-se aos jornaes.

Olho por olho, dente por dente. Offereça a idéa liberal á reacção, o que a reacção ha pouco lhe offereceu no pulpito dos Martyres—pancada.



## INCENDIO

Oh, que suprema ironia!  
Morreu um burro queimado  
Nos baixos da academia!  
Coitado!

Vae na cidade um susurro,  
De que tu academia,  
Com o teu fogo sagrado  
Só podes queimar um burro!



Os nossos olhos contemplaram no domingo ultimo, ás 11 horas da manhã, o espectáculo mais extraordinario!

Seguia pela rua do Arco de Bandeira, a passo vacillante, o misero cavallo do soneto de Nicolau Tolentino. O pescoço pendia-lhe lastimosamente para o chão; os olhos amortecidos tinham a tristeza ideal dos moribundos!

Montado n'elle, de chapéu lustroso, gravata azul, frak de panno preto, calça branca engomada, nos labios sorriso triumphante e charuto de vintem, via-se, fazendo os maximos esforços para imprimir alguma velocidade ao triste corcel,—um caixeiro livre!

Ó depravação do seculo! exclamos nós. Eis aqui para o que elles exigem a liberdade e o respeito aos dias santificados! Quando a *Nação* e o *Bem Publico*, os dois campeões do catholicismo, andavam apregoando uma conquista, veem as alquilarias do Arco de Bandeira e arrebatam-lh'a. Terri-vel concorrência!

Sobre as ruas de Lisboa vae cair periodicamente, a contar de hoje, uma invasão de Neros, apaixonados pelo jogo da carambola!

Ah! os resultados d'esta nova ordem de coisas não se farão esperar muito tempo. A corrupção vae campear infrene, a carambola vae ter a sua idade de ouro, e as cartas de namoro no *Diario de Noticias* vão augmentar indefinidamente. Os domingos passam a ser uma verdadeira mina para os donos do bilhar, uma barbaridade para os

cavallos de aluguer, um supplicio para os chefes de familia! E no meio das apprehensões que descem ao nosso espirito, o futuro antolha-se-nos com as mais sinistras côres. O que vae acontecer? Ninguem o saberá dizer. Comtudo...

Fugi, fugi das janellas,  
Por piedade,  
Oh cherubins, oh donzellas  
Da cidade!



Afim de propôr os meios de levar a effeito a reforma do theatro de D. Maria II, o sr. ministro do reino acaba de nomear uma commissão magna, encarregada de pensar por elle, em quanto s. ex.<sup>a</sup> faz a barba. Na grande commissão contam-se representantes da diplomacia, da imprensa, do exercito, da poesia lyrica, da alfandega, da medicina, da canção popular e do *calembourg*, e tendo em vista as condições que a scena portugueza deve realisar n'um theatro normal, o sr. ministro exige simplesmente que a commissão baseie o seu projecto n'este largo principio: seja qual fôr a sua opinião, o governo não quer gastar nem mais um real.

\*

Se a grande commissão pudesse mesmo descobrir o meio do theatro dispensar qualquer subsidio ao thesouro, como o pobre thesouro bateria as palmas de contente!

Seria possivel pôr o theatro a nado no Tejo como barca de banhos?

E se o levassem para a rua dos Algibebes, que excellentem armazenagem de fato feito!

E essa Vidago, que reclama um estabelecimento proprio!...

E exposto no Baltresqui como cartonagem e depois vendido...



## AS NOTICIAS DO DIA

(JORNAL)

Mais um jornal. Intitula-se — *As Noticias do Dia*, é redigido pelo sr. dr. Christovam de Sá, e offerece tres premios. O seu programma é dos mais tentadores. A nova folha será politica, *instructiva* e noticiosa. Dá mais 500 réis do que a *Gazeta do*

*Dia*, e uma inscripção! Quem resistirá a tantos attractivos?

Comtudo ha no seu prospecto alguma coisa que faz scismar profundamente. São as seguintes palavras:

«Para o sorteio do brinde aos srs. assignantes e compradores avulsos pôr-se-lhão *dois numeros* em cada jornal, o que *augmenta a probabilidade de obter o brinde!*»

Ninguem de tal se tinha ainda lembrado, nem os cambistas, nem a arithmetica. Suppondo que as *As Noticias* tem só dois assignantes, em vez de dar a cada um d'elles um numero impresso no jornal, dá dois, um de cada lado. É evidentissimo que por este systema os dois assignantes ganham egualmente enormes probabilidades de serem contemplados.

Isto se não fosse extraordinariamente comico, era extraordinariamente baixo. Custa a crêr que se tenha escripto aquelle periodo, mas nós temos o prospecto, e mostral-o-hemos a quem se quizer certificar com seus proprios olhos.

\*

Do que o futuro nos reserya em emprezas jornalisticas, á face d'isto nada se poderá prever. Amanhã mesmo, quem sabe, talvez appareça um novo jornal, com os competentes premios e dando aos assignantes um unico exemplar com tres numeros, com quatro, com dez, com vinte, afim de augmentar a probabilidade.

Ah! bem pôde acontecer, que uma empreza, não se poupando a esforços dê um jornal com 30 numeros impressos no cabeçalho!

\*

Estes jornaes com premios teem uma suprema vantagem sobre os outros. O publico não lhes dá destino algum antes de 24 horas. Depois...

Já é uma vantagem!



## ERRATA

Resolvemos abrir na *Lanterna magica*, uma secção destinada a corrigir um certo numero d'errros, que involuntariamente, nós e os nossos collegas da imprensa deixamos escapar; supomos assim fazer um serviço aos nossos amigos e ao publico.

No folhetim publicado pelo sr. Guimarães Fonseca, a proposito dos *Visconde d'Algirão*, aonde o distincto folhetinista diz, que esta peça será uma das mais applaudidas no *ultimo quartel d'este seculo*, deve lêr-se, no *ultimo quartel d'esta cidade*.

---

**CHRONICA DAS RUAS, por Manoel de Macedo**


— Ena! que luxo, Ignacia! Tu botaste *vegete*?  
 — Ora! mau! Já cahiu com trezentos mel réis em *descri-  
 pções* e os dias livres.  
 — Boa! Ha de ganhar muito com isso!

---

**N.º 7**
**SABBADO 26 DE JUNHO DE 1875**

**A LANTERNA MAGICA.** — Preços da assignatura: Provincias, 660 réis. — Lisboa, 600 réis por trimestre. — Avulso 60 réis. — Anuncios, 20 réis por linha; os ars. assignantes teem 25 por cento de abatimento. — Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua do Principe, 23, 1.º andar. Lisboa.